

Orçamento menor restringe atividade do Hospital Sarah

17 NOV 1999

JORNAL DE BRASÍLIA

Recebendo menos de 50% do que precisa - pediu R\$ 1,2 bilhão, o Orçamento da República assegurou-lhe R\$ 768 milhões, mas o Ministério da Saúde só liberou até agosto R\$ 590,8 milhões - a Rede Sarah de Hospitais do Aparelho Locomotor já demitiu 1.500 funcionários qualificados, ficou sem condições de pôr em funcionamento o Hospital Sarah-Fortaleza, quase pronto, e praticamente desativou seu Centro de Tecnologia, de Salvador, "usina de novos hospitais".

Ao fazer essas denúncias, o médico Aloysio Campos da Paz, cirurgião-chefe da Rede Sarah, comentou:

- Sei que existe uma questão de fundo econômico, baseada no complexo médico-industrial que se implantou no Brasil, pois cada doente tratado no Sarah significa que você tirou um doente das seguradoras e das empresas de medicina de grupo. Você mexeu no bolso deles. O Sarah não é bom para essa gente.

Revelando que o Sarah recebe pedidos de governadores, parlamentares e lideranças sociais para instalação de unidades da rede nos respectivos estados - como acontece em Belém, com o Movimento "Acorda Pará, Sarah já" que recolheu 36 mil assinaturas - Campos da Paz explicou que nada pode fazer:

- Os recursos para investimentos na Rede Sarah foram sumariamente cortados nos



Campos da Paz: sem verbas

últimos quatro anos.

Campos da Paz diz que, de 1976, quando escreveu o projeto que redundou no Sarah-Brasília, até hoje, quando a Rede Sarah é composta de quatro hospitais, que funcionam em Brasília, Salvador, São Luís e Belo Horizonte, o número de incapacitados físicos no Brasil cresceu de 15 milhões para 30 milhões:

- Com a falência da assistência médica do País, pessoas que tinham algum tipo de assistência deixaram de ter ou passaram a tê-la a um custo extorsivo, ou em condições, no mínimo, constrangedoras. Essas pessoas sabem que podem ser bem atendidas e pressionam para implantação de um hospital nos mesmos padrões no seu estado.